



PSICANÁLISE

Leopoldo Fulgencio

Teorias psicanalíticas do desenvolvimento

Estudo histórico-crítico-comparativo

Volume 2. Atualidade

Blucher


PROCESSO NÚMERO: 2021/05257-6

TEORIAS PSICANALÍTICAS DO DESENVOLVIMENTO

Estudo histórico-crítico-comparativo

Volume 2. Atualidade

Leopoldo Fulgencio

Teorias psicanalíticas do desenvolvimento: estudo histórico-crítico-comparativo
(Volume 2. Atualidade)

© 2024 Leopoldo Fulgencio

1ª edição – Blucher, 2024

Editores Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Juliana Moraes

Preparação de texto Ariana Corrêa

Diagramação Plínio Ricca

Revisão de texto Luana Negraes

Capa Laércio Flenic

Imagem de capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fulgencio, Leopoldo

Teorias psicanalíticas do desenvolvimento: estudo histórico-crítico-comparativo: volume 2: atualidade / Leopoldo Fulgencio. – São Paulo: Blucher & FAPESP, 2024.

368 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2246-0

1. Psicanálise 2. Psicologia do desenvolvimento
I. Título

24-3817

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	13
1. John Bowlby e a teoria do apego como uma teoria do desenvolvimento	25
Aspectos gerais da proposta de John Bowlby	25
O problema empírico de base para a compreensão do pensamento de John Bowlby	32
Do problema da separação precoce mãe-bebê ao tema universal da teoria do apego	36
Fundamentos da teoria do apego como uma teoria do desenvolvimento emocional	47
Fases e dinâmicas do processo de desenvolvimento do apego	59
Método para a observação, organização e sistematização da teoria do apego	64
Utilidade prática desse tipo de conhecimento e sua atualidade	67
Referências	70

2. Winnicott e a teoria da dependência como uma teoria do desenvolvimento do ser	77
Aspectos gerais da proposta de Donald Winnicott	77
O problema empírico de base	85
Do problema singular ao problema universal	90
Fundamentos da teoria da dependência	94
Fases e dinâmicas do desenvolvimento: dependência absoluta, relativa, independência relativa infantil e adulta	105
Visão de conjunto da teoria do desenvolvimento emocional do ponto de vista de Winnicott	113
Método utilizado para a construção dessa teoria do desenvolvimento	122
Utilidade prática desse tipo de conhecimento do desenvolvimento emocional	123
Críticas a Winnicott	125
Referências	130
3. Daniel Stern e a teoria do desenvolvimento dos sentidos do <i>self</i>	139
Aspectos gerais da proposta de Daniel Stern	139
Uma matriz analítico-histórico-crítica para a compreensão da teoria do desenvolvimento dos sentidos do <i>self</i>	145
Comentários gerais, conceituais e epistemológicos da proposta de uma teoria do desenvolvimento dos sentidos do <i>self</i>	171
Modelo ontológico	172
Variáveis teóricas e empíricas	176
Método utilizado nesse tipo de pesquisa	178
Domínios, dinâmicas, modos de ser do <i>self</i>	182
Os domínios do <i>self</i> se sobrepõem ao longo da vida	197

Valor heurístico	200
Aspectos analítico-críticos dirigidos às propostas de Stern	204
Ressalva epistemológica	204
Ressalvas conceituais e de apreensão fenomenológica	206
Referências	209
4. A psicanálise perinatal e os problemas do desenvolvimento	215
Aspectos gerais da psicanálise perinatal	215
A constituição do campo da perinatalidade	222
Os problemas da perinatalidade	226
A psicologia clínica perinatal (Itália)	232
A psicanálise perinatal na França	241
A psicopatologia perinatal (PPN)	241
<i>O Manual de psicologia clínica da perinatalidade</i>	259
Apresentação da estrutura da matriz de análise histórico-crítica para a compreensão das propostas da psicanálise perinatal	275
Referências	277
5. Considerações finais: quadro geral para o desenvolvimento de pesquisas e resolução de problemas	287
Uma matriz para ver a diversidade das teorias psicanalíticas do desenvolvimento: visão geral e incomensurabilidade	288
Comentários críticos associativos sobre as diversas propostas psicanalíticas do desenvolvimento: semelhanças, sobreposições, continuidades	298
Incomensurabilidades	313
Referências	315

6. Apêndice: Críticas e usos da teoria do apego pelos psicanalistas	317
As críticas de Winnicott ao livro <i>Maternal Care and Mental Health</i>	323
As críticas de psicanalistas ao artigo “Grief and mourning in infancy and early childhood”	327
Os efeitos das críticas a Bowlby no tempo de Bowlby	337
Desenvolvimentos e usos da teoria do apego no campo da psicanálise	338
Considerações finais	357
Referências	364

Introdução

Neste segundo volume de *Teorias psicanalíticas do desenvolvimento*, me ocuparei de apresentar e analisar, histórico-criticamente, a atualidade destas teorias consideradas por estudiosos da infância e do desenvolvimento na segunda metade do século XX e início do século XXI. Essas propostas se propõem, como se espera de uma compreensão plena do desenvolvimento, a explicar o conjunto de processos, aquisições, conquistas, organizações e modos de ser que ocorrem ao longo da vida, da origem até o envelhecimento e a morte. Elas procuram descrever, teórica e fenomenologicamente, o desenvolvimento emocional do ser humano, colocando em destaque diversos processos, fatos, dinâmicas, conquistas que não só fornecem uma explicação plausível e reconhecível nos fatos, mas também dão subsídios conceituais e práticos para atividades profiláticas, curativas, seja no campo dos cuidados com a saúde socioemocional (cuidados médicos, assistenciais, psicológicos etc.), seja no campo das atividades relacionadas à educação, ao cuidado social e, evidentemente, às pesquisas nessa área.

Este livro, nos seus dois volumes, pretende dar um panorama viável (e possível de comparações) das diversas teorias psicanalíticas

do desenvolvimento, colocando em evidência o conjunto de problemas abordados pelas diversas perspectivas, os diversos modelos (ontológicos) de homem e as dinâmicas, conquistas e relações que caracterizam e impulsionam o desenvolvimento.

Quando lemos os inúmeros manuais de teorias do desenvolvimento, fica evidente que a grande parte do conhecimento apresentado está ancorada, sustentada e produzida com base na *observação objetiva* do bebê, da criança, do adolescente e do adulto, seja na sua individualidade, seja na sua existência social, havendo métodos e experimentos, padronizados e metrizados, muitos deles randomizados, para que essas observações possam ser feitas e interpretadas (com ou sem a ajuda de procedimentos estatísticos). Trata-se, pois, num determinado sentido, daquilo que acabam por denominar como o “bebê real”, referindo-se àquilo que pode ser observado sem a interferência de processos subjetivos que transformariam os dados observados. A maior parte das teorias do desenvolvimento foi construída a partir de metodologias de observação objetiva da realidade.

Por outro lado, a psicanálise como um exemplo, por excelência, do que ocorre numa situação clínica tem sua compreensão da vida do bebê, das crianças, dos adolescentes e dos adultos como advindo daquilo que o paciente (o indivíduo, os grupos, as famílias etc.) apresenta nas suas narrativas dirigidas aos terapeutas (ou analistas). Em contrapartida, o próprio psicoterapeuta (ou analista) apreende e interpreta (apreende e valoriza) os dados observados a partir da sua própria sensibilidade, da sua própria subjetividade. Ou seja, esse campo de observação clínica da realidade, passada e presente, dos pacientes é, por excelência, *subjetivo*, depende da subjetividade do paciente, do analista, do encontro entre essas subjetividades.

Foi reconhecendo esse problema, considerando tanto as teorias do desenvolvimento construídas a partir da apreensão de dados objetivos quanto as construídas a partir da apreensão de dados subjetivos, que Daniel Stern propôs um tipo de integração, afirmando

que a apreensão objetiva dos fatos do desenvolvimento não tem a capacidade de fornecer a compreensão geral que organizaria os dados de forma sistemática e coerente; por outro lado, a apreensão subjetiva dos fatos do desenvolvimento não teria a capacidade de dar objetividade aos fenômenos observados.¹ No entanto, ele afirma, reunindo essas perspectivas: “Situações experimentais não serviriam, não sozinhas. Elas capturam uma fatia muito pequena da vida e não possuem o contexto necessário para uma compreensão completa. Antes dos experimentos, precisávamos (e precisamos) de observações descritivas”;² ou ainda: “o infante da clínica sopra vida subjetiva na criança observada”.³

Será, pois, nesse contexto que busca colocar as teorias e observações *objetivas* e *subjetivas* sobre o desenvolvimento, numa contribuição mútua (sem reduzir uma a outra), que este livro procura analisar como são construídas e descritas as teorias psicanalíticas do desenvolvimento, tendo em vista esse horizonte ou *telos* epistemológico que torna possível a comunicação entre sistemas teóricos-semânticos díspares.⁴

Neste livro, nos seus dois volumes, cada uma das teorias psicanalíticas do desenvolvimento, nas suas diversas perspectivas, é descrita levando-se em consideração uma mesma matriz analítico-crítica. Esse proceder, que também é uma decisão epistemológica-metodológica,

1 Os livros de Daniel Stern – *The First Relationship: Infant and Mother, With a New Introduction* (1977/2002); *The Interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis & Developmental Psychology* (1985/2000); *The Motherhood Constellation: A Unified View Of Parent-Infant Psychotherapy* (1995/1997); *The Birth of a Mother: How the Motherhood Experience Can Change You Forever* (1998, Stern & Bruschiweiler-Stern) – apresentam um modo (um método) para articular dados objetivos com dados subjetivos, agregando os conhecimentos advindos das pesquisas no campo das teorias do desenvolvimento com os advindos da psicanálise.

2 Stern 1977/2002, p. 1.

3 Stern 1985/1992, p. 11.

4 Cf. em Fulgencio 2020a uma análise epistemológica-metodológica dessa proposta.

torna possível ver os mesmos temas, os mesmos problemas gerais em cada uma das diferentes perspectivas desenvolvimentistas da psicanálise. Nesse sentido, essa matriz coloca em evidência, em todas as perspectivas analisadas: 1. o problema empírico-clínico de base; 2. as características e foco da proposta desenvolvimentista universal que denomina e caracteriza um determinado modo de compreender a realidade do desenvolvimento; 3. a explicitação dos modelos ontológicos utilizados para a compreensão e a descrição do desenvolvimento; 4. a compreensão teórica e fenomenológica das diversas dinâmicas nas diversas fases do desenvolvimento com suas conquistas e condições de possibilidade; 5. o método utilizado para apreender os dados e sistematizá-los; e 6. uma avaliação do valor heurístico de cada perspectiva – permanece como nossa bússola e caminho no desenvolvimento de cada parte desse estudo.

Cada capítulo deste livro em dois volumes pode ser usado separadamente – por isso, no início de cada capítulo há algumas repetições que explicitam a que se propõe. Esta obra tem dois objetivos que se complementam: explicitar como os psicanalistas entendem o desenvolvimento emocional, seja em termos teóricos, seja em termos descritivo-fenomenológicos; e, feita essa apresentação de forma sistemática, organizada e padronizada, levar as contribuições dos psicanalistas para o campo das ciências ou da teoria do desenvolvimento, mostrando que os dados apreendidos pelo método clínico-subjetivo da psicanálise podem se articular, estimular, comunicar e mesmo sistematizar os dados apreendidos pelos métodos de observação objetiva de outras perspectivas teóricas do desenvolvimento. Cada um dos capítulos deste livro mostra uma possibilidade de comunicação, uma ponte nos seus alicerces e na sua pavimentação, mas que ainda precisará ser preenchida com as efetivas comunicações e diálogos entre as teorias que podem, agora, usar essa ponte.

No Volume 1, nos dedicamos à compreensão das *origens* e da *consolidação* das teorias psicanalíticas do desenvolvimento,

analisando as propostas de Sigmund Freud, Anna Freud, René Spitz, Erik Erikson e Margaret Mahler, com um Apêndice dedicado a Jean Piaget; agora, no Volume 2, nos ocuparemos da atualidade das perspectivas desenvolvimentistas psicanalíticas, nos debruçando sobre a obra de John Bowlby, Donald Winnicott e Daniel Stern para, em seguida, mostrar como o campo atual da perinatalidade tem uma forte vertente clínica edificada com o uso de diversas teorias psicanalíticas. Todos os autores estudados têm suas contribuições em diálogo, comunhão e dissonância com perspectivas desenvolvimentistas (e com teorias psicanalíticas) do seu tempo, contribuindo para um campo de atividades multidisciplinares que visa a produção de conhecimento cada vez mais amplo, cada vez mais poderoso no seu valor heurístico de servir como instrumento para a enunciação e a resolução de problemas relacionados ao desenvolvimento emocional e relacional do ser humano, sejam problemas clínicos, educacionais, sociais, profiláticos ou curativos, tanto em termos individuais como sociais.

Começamos este Volume 2 com o Capítulo 1 dedicado a John Bowlby e a teoria do apego, perspectiva que tem sido a base de muitas pesquisas e intervenções atuais⁵ apoiadas na compreensão de que a existência do homem está em continuidade com uma perspectiva darwiniana (referida, inclusive, a certos determinantes dados biologicamente, como aspectos adquiridos no processo natural do desenvolvimento das espécies). Essa perspectiva, iniciada no território da psicanálise, logo migrou para outro terreno epistemológico-metodológico, estabelecendo-se de forma independente, e tem (nos últimos anos, já neste início de século XXI) sido objeto de uma tentativa de reincorporação pelos psicanalistas

5 Cf. Beebe, Chen & Lachmann 2016; Cassidy & Shaver 2008; Castillo-Garayoa & Echevarría 2023; Fonagy 2001; Guédény & Guédény 2016; Wallin 2007.

(em especial, por Peter Fonagy).⁶ A teoria do apego aparece como perspectiva teórica-operativa nos estudos de Daniel Stern,⁷ bem como também tem um lugar de destaque na psicologia perinatal de Antonio Imbasciati⁸ e na psicopatologia perinatal de Bernard Golse e Sylvain Missonnier.⁹

A apresentação da teoria do apego, também nesse mesmo quadro da minha matriz de análise histórico-crítica, obrigou abordá-la de uma maneira mais extensa, retomando o debate entre a proposta de uma teoria das pulsões *versus* uma teoria do apego (ambas procurando ocupar o lugar de intensões e impulsos primários da natureza humana). Como um fruto secundário, mas importante do estudo da teoria do apego, analisei as “Críticas e usos da teoria do apego pelos psicanalistas”, resultando num texto que coloquei como apêndice final, no qual se pode encontrar a distinção entre descrever os fatos do desenvolvimento primitivo e supor princípios metafísicos para seu funcionamento (o relacionamento e a dependência do ser humano, de uma mãe [ou alguém que ocupe esse lugar] é um fato, mas a ideia de que exista um impulso ontológico para o prazer, ou para o outro, ou para a descarga das excitações corresponde a hipóteses que têm um certo grau de especulação).

6 Fonagy publicou em 2001 o livro *Attachment Theory and Psychoanalysis*, que tem justamente este objetivo: recolocar a teoria do apego no quadro e no contexto da metapsicologia psicanalítica, ultrapassando suas cisões e harmonizando suas propostas conceituais. No entanto, seus desenvolvimentos levaram-no a propor uma nova perspectiva teórico-clínica, um novo método de tratamento psicoterápico, centrado na ideia ou no processo de mentalização, como fica explícito neste manual: Allen, Fonagy & Bateman 2008, *Handbook of mentalisation in clinical practice*.

7 Cf. Stern 1985/1992; 1995/1997; 1977/2002; 2004; e Stern & Bruschiweiler-Stern 1998.

8 Imbasciati 2019a, 2019b; Imbasciati & Cena 2018; Imbasciati, Debrassi & Cena 2018; Imbasciati & Loredana 2015, 2017, 2020.

9 Alvarez & Golse 2008; Golse 2017; 2019; 2010/2019; 2020; 2008; Golse, Putois & Vanier 2017; Missonnier 2009; Missonnier, Blazy, Boige, Presme & Tagawa 2012.

No Capítulo 2, temos a apresentação da teoria do desenvolvimento descrita por Winnicott, avaliando que a sua proposta articula uma série de descobertas empíricas da psicanálise com certos princípios e concepções também reconhecíveis nas obras de fenomenólogos e existencialistas modernos (por exemplo, a noção de Ser e de autenticidade), de modo a termos uma teoria do desenvolvimento centrada na noção de dependência e de continuidade de Ser, num quadro epistemológico que colocaria essa perspectiva psicanalítica muito mais no campo da esperada psicologia científica enunciada pela fenomenologia e pela analítica existencial¹⁰ do que no quadro das psicologias naturalistas. Uma das vantagens e importâncias da obra de Winnicott é que ela não se apresenta apenas em termos teóricos, mas com descrições empíricas consistentes na compreensão das diversas conquistas do desenvolvimento (como a aquisição da noção de tempo, de espaço, da origem dos processos mentais, da constituição da unidade do sujeito psicológico, do surgimento do sentimento de culpa, da agressividade, da moral, da necessidade e da dificuldade de ser-com-o-outro etc.). Essa apresentação da teoria do desenvolvimento do Ser ou da Dependência, já abordada por mim de forma mais extensa noutro lugar,¹¹ é aqui retomada de forma sintética, analisada e apresentada no quadro da minha matriz analítico-crítica.

No Capítulo 3, analisaremos a teoria do desenvolvimento dos sentidos do *self* elaborada por Daniel Stern, proposta que procurou integrar conhecimentos advindos da psicanálise (Klein, Margaret Mahler, Winnicott), da teoria do apego de Bowlby, das neurociências, da antropologia e das diversas teorias do desenvolvimento (com uma gama significativa de conhecimentos advindos de pesquisas e observações ditas objetivas). Stern enfrentou o problema da dificuldade de articular (compor) os conhecimentos advindos de pesquisas *objetivas*

10 Fulgencio 2020b.

11 Fulgencio 2020b.

com os advindos de pesquisas clínicas, *subjetivos*, considerando a necessidade de compô-las, apresentando uma solução para a dicotomia e oposição entre essas duas fontes de dados sobre o desenvolvimento socioemocional. Esse tipo de proposta abriu um imenso campo de pesquisas, tanto para os desenvolvimentistas quanto para os psicanalistas. A complexidade e a amplitude das propostas de Stern mostram a possibilidade de articulações extremamente frutíferas para a compreensão do desenvolvimento e para a prática clínica, apontando para muitos problemas e articulações a serem desenvolvidas. Espero que a maneira de o apresentar aqui possa tornar evidente o seu valor heurístico para o desenvolvimento da ciência e das teorias do desenvolvimento. Suas propostas terão, também, um forte impacto na prática clínica psicanalítica, e não só para o campo das teorias do desenvolvimento.

No Capítulo 4, nos ocuparemos da análise do campo clínico e teórico da perinatalidade, mais especificamente da psicanálise perinatal e suas contribuições para as teorias psicanalíticas do desenvolvimento, mostrando que o desenvolvimento e a constituição dessa área de pesquisa e de cuidados (inicialmente no campo da medicina, mas logo expandido para o da psicologia) encontrou na psicanálise um forte aliado. Veremos, analisando as propostas de uma *psicologia perinatal* (desenvolvida por Antonio Imbasciati, na Itália) e de uma *psicopatologia perinatal* (consolidada por Golse, Alvarez e Missonnier, na França), a possibilidade de colocar em evidência os problemas clínicos que aborda e procura resolver. Estudo e análise apoiados e dirigidos pelo uso da matriz de análise histórico-crítica proposta como enquadre e direção metodológica da pesquisa aqui apresentada.

Ao final, retomando todas as matrizes preenchidas com os dados de cada uma das perspectivas psicanalíticas do desenvolvimento, coloco-as lado a lado, contribuindo para que o leitor possa ter uma apreensão geral, não tanto para realizar o diálogo entre elas (tarefa

impossível nesse contexto), mas para apontar um campo de problemas e de relações (a serem perscrutadas) a partir dessas concepções.

Este livro aponta, pois, para um imenso canteiro de obras, com uma diversidade imensa de possibilidades de pesquisa, sem deixar de mostrar instrumentos e modos objetivos para cuidar, em termos curativos e profiláticos, do desenvolvimento socioemocional do ser humano.^{12,13,14}

Referências

Allen, J., Fonagy, P. & Bateman, A. (2008). *Handbook of mentalisation in clinical practice*. Washington: American Psychiatric Press.

Alvarez, L. & Golse, B. (2008). *La psychiatrie du bébé*. Paris: PUF.

Beebe, B., Chen, P. & Lachmann, F. M. (2016). *The Mother-Infant Interaction Picture Book: Origins of Attachment*. New York; London: W. W. Norton.

Cassidy, J. & Shaver, P. R. (2008). *Handbook of Attachment: Theory, Research, and clinical Applications*. New York; London: The Guilford Press.

Castillo-Garayoa, J. & Echevarría, R. (2023). Reflections on the Reception of Attachment Theory by Psychoanalysts: A Review of Publications. *The International Journal of Psychoanalysis*, 104(3), 509-526.

Fonagy, P. (2001). *Attachment Theory and Psychoanalysis*. New York: Other Press.

12 Todos os textos em inglês ou em francês cujas citações aparecem em português neste livro foram traduzidos por mim.

13 A obra de Freud está sendo citada, neste livro, a partir da classificação das publicações de Freud feitas por Tyson & Strachey (1956), estabelecendo um padrão de referência universal, de modo que os textos de Freud tenham as mesmas referências (ano + letra) em qualquer publicação.

14 A obra de Winnicott está sendo citada, neste livro, a partir da classificação das publicações de Winnicott feitas por Knud Hujlmand (2007), estabelecendo um padrão de referência universal, de modo que os textos de Winnicott tenham as mesmas referências (ano + letra) em qualquer publicação.

- Fonagy, P. (2005). Teoria psicanalítica do desenvolvimento. In E. S. Person, A. M. Cooper & G. O. Gabbard (Eds.), *Compêndio de Psicanálise* (pp. 143-156). Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.
- Fulgencio, L. (2020a). Incommensurability between paradigms, revolutions and common ground in the development of psychoanalysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101(01), 13-41. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00207578.2019.1686389>
- Fulgencio, L. (2020b). *Psicanálise do Ser: a teoria winnicottiana do Desenvolvimento Emocional como uma psicologia de base fenomenológica*. São Paulo: EDUSP-FAPESP.
- Golse, B. (Ed.). (2008). *Le développement affectif et intellectuel de l'enfant: Compléments sur l'émergence du langage*. Issy-les-Moulineaux: Elsevier Masson.
- Golse, B. (2017). Contribution de nouvelles données scientifiques à la perspective psychanalytique. In B. Golse, O. Putois & A. Vanier (Eds.), *Épistémologie et méthodologie en psychanalyse et psychanalyse et en psychiatrie: pour un vrai débat avec les neurosciences*. Toulouse: Érès. pp. 91-122.
- Golse, B. (2019). *Le bébé et ses possibles*. Toulouse: Érès.
- Golse, B. (2010/2019). *Les destins du développement chez l'enfant*. Toulouse: Érès.
- Golse, B. (2020). *Le bébé, du sentiment d'être au sentiment d'exister*. Toulouse: Érès.
- Golse, B., Putois, O. & Vanier, A. (2017). *Épistémologie et méthodologie en psychanalyse et psychanalyse et en psychiatrie: pour un vrai débat avec les neurosciences*. Toulouse: Érès.
- Guédény, N. & Guédény, A. (2016). *L'attachement: approche clinique et thérapeutique*. Issy-les-Moulineaux: Elsevier Masson.
- Hjulmand, K. (2007). D. W. Winnicott: Bibliography: Chronological and alphabetical lists. In *The language of Winnicott: A dictionary of Winnicott's use of words* (2. ed., pp. 363-435). London: Karnac.
- Imbasciati, A. (2019a). Psicologia Clinica Perinatale per la prevenzione: "Intervento" per la Salute Mentale. In *Una vita "con" la psicoanalisi: la costruzione del cervello e il futuro dell'Umanità*. Milan: Mimesis/Eterotopie. pp. 195-211.

- Imbasciati, A. (2019b). *Una vita “con” la psicoanalisi: la costruzione del cervello e il futuro dell’Umanità*. Milan: Mimesis/Eterotopie.
- Imbasciati, A. & Cena, L. (Eds.). (2018). *Psicologia Clinica Perinatale: Prevenzione e Interventi Precoci. Il Futuro dei Primi Mille Giorni di vita*. Milano: FrancoAngeli.
- Imbasciati, A., Debrassi, F. & Cena, L. (Eds.). (2018). *Psicologia Clinica Perinatale per lo Sviluppo del Futuro Individuo: Un Uomo Transgenerazionale*. Torino: Espress.
- Imbasciati, A. & Loredana, C. (2015). *Psicologia Clinica Perinatale per le professioni sanitarie e psicosociali: neonato e radici della salute mentale* (Vol. 1). Milano: FrancoAngeli.
- Imbasciati, A. & Loredana, C. (2017). *Psicologia Clinica Perinatale: Neuroscienze e psicoanalisi*. Milano: FrancoAngeli.
- Imbasciati, A. & Loredana, C. (2020). *Psicologia Clinica Perinatale babycentered: come si costruisce la mente umana*. Milano: FrancoAngeli.
- Missonnier, S. (2009). *Devenir parent, naître humain*. Paris: PUF.
- Missonnier, S., Blazy, M., Boige, N., Presme, N. & Tagawa, O. (Eds.). (2012). *Manuel de psychologie clinique de la périnatalité*. Paris: Elsevier Masson.
- Stern, D. N. (1985/1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stern, D. (1985/2000). *The Interpersonal Word of the Infant: A View from Psychoanalysis & Developmental Psychology* (2. ed.). New York: Basic Books.
- Stern, D. N. (1997/1995). *A Constelação da Maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stern, D. N. (1977/2002). *The First Relationship: Infant and Mother, With a New Introduction*. Cambridge: Harvard University Press.
- Stern, D. N. (2004). *The Present Moment in Psychotherapy and Everyday Life*. London: W. W. Norton & Company.

Stern, D. N. & Bruschweiler-Stern, N. (Eds.). (1998). *The Birth of a Mother: How the Motherhood Experience Can Change You Forever*. New York: Basic Books.

Tyson, A. & Strachey, J. (1956). A Chronological Hand-List of Freud's Works. *International Journal of Psychoanalysis*, 37(1), 19-33.

Wallin, D. J. (2007). Attachment and Change. In *Attachment in Psychotherapy*. New York: The Guilford Press. pp. 1-8.

1. John Bowlby e a teoria do apego como uma teoria do desenvolvimento

Neste capítulo, apresento a teoria do desenvolvimento do apego como John Bowlby e Mary Ainsworth a elaboraram, considerando, por um lado, os dados advindos dos atendimentos clínicos e, por outro, da apreensão organizada de dados obtidos por experimentos de observação empírica objetiva, padronizados, organizados e tratados com instrumentos de avaliação estatística para a compreensão de dinâmicas e tipos que caracterizam as relações iniciais do bebê e das crianças pequenas com suas mães ou cuidadores.

Aspectos gerais da proposta de John Bowlby

A teoria do apego surge, inicialmente, como uma proposta que se distancia dos fundamentos metapsicológicos da psicanálise, considerando a busca do prazer e a sexualidade como impulsos secundários e colocando a necessidade (ou o impulso instintual para o outro) como um tipo de fundamento essencial (de natureza biológica) da espécie humana. Ao final do século XX e início do XXI, diversos têm sido os desenvolvimentos tanto para consolidar a teoria do apego (como uma teoria do desenvolvimento e como uma prática psicoterapêutica

independente), assim como para reintegrá-la ou conciliá-la com a teoria psicanalítica dos instintos (pulsões), mostrando-se como um dos campos de grande diversidade e atualidade no início do século XXI, útil e aplicável tanto à clínica como à pesquisa.

As pesquisas no campo da teoria do apego mesclam métodos clínicos com métodos de apreensão objetiva dos fenômenos, apresentando e discutindo uma possibilidade de integração dos conhecimentos advindos da clínica (e suas apreensões subjetivas, ou seja, sempre marcadas pelas subjetividades dos pacientes e dos analistas) e dos conhecimentos advindos das informações objetivamente apreendidas (controladas e objetivadas, seja por experimentos, seja pela observação de situações naturais). Esse tipo de proposta recoloca o problema da difícil articulação entre dados objetivos e dados subjetivos, como já enunciou Ronald Laing:

Traduzir a relação daquilo que é objetivo e daquilo que não é um problema objetivo é impossível. Seria necessário objetivar o que não é objetivo, e depois confrontar duas subjetividades. Mas, na realidade, os termos de comparação são uma subjetividade e uma objetividade. Por isso não consigo ver como seria possível comparar subjetividade e objetividade com os métodos da pura subjetividade ou da pura objetividade.¹

Ainda que impossível para Laing, encontramos em Daniel Stern² uma solução para esse problema, distinguindo o que pode e o que não pode advir de uma e outra perspectiva de apreensão dos dados da observação: avaliando-se que a apreensão *objetiva* dos fatos não consegue fornecer uma compreensão global sistêmica do desenvolvimento, enquanto a apreensão *subjetiva* não conseguiria fornecer as

1 Laing 1979/1982, p. 28.

2 Cf. Stern 1985/1992; 1977/2002; 2004; e Stern & Bruschiweiler-Stern 1988.

realidades descritivas mais objetivas dos fatos, exigiria algum tipo de comunhão entre essas perspectivas. Ou seja, será a comunhão dessas perspectivas que poderá fornecer os conteúdos objetivos dos fatos do desenvolvimento articulados com uma visão sistêmica subjetiva da dinâmica que anima o processo de desenvolvimento como um todo: “o infante da clínica sopra vida subjetiva na criança observada”.³

O desenvolvimento da teoria do apego na atualidade, seja articulada com a psicanálise, seja em separado, ou, ainda, para além da psicanálise, tem mostrado um caminho possível para esse tipo de integração de conhecimentos (objetivos e subjetivos), fornecendo a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas (com ensaios clínicos randomizados) e de práticas de cuidado psicoterápico.

Nesse sentido, este livro e cada um dos seus capítulos – que podem ser usados separadamente (e, por isso, trazem algumas repetições) – têm dois objetivos que se complementam: por um lado, explicitar como os psicanalistas entendem o desenvolvimento emocional, seja em termos teóricos, seja em termos descritivos-fenomenológicos; por outro, tendo feito essa apresentação de forma sistemática, organizada e padronizada, poder levar as contribuições dos psicanalistas para o campo das ciências ou teoria do desenvolvimento, mostrando que os dados apreendidos pelo método clínico-subjetivo da psicanálise podem se articular, estimular, se comunicar com os dados apreendidos pelos métodos de observação objetiva de outras perspectivas teóricas desenvolvimentistas, inclusive fornecendo um tipo de sistematização e apreensão do desenvolvimento (impossível de ser fornecida pela observação objetiva dos fatos). Cada um dos capítulos deste livro mostra uma possibilidade de comunicação, uma ponte que torna possível apreender e comparar seus alicerces e suas dinâmicas, mas que representa apenas um passo inicial num horizonte ou caminho que ainda precisará ser pavimentado, preenchido com as

3 Stern 1985/1992, p. 11.

efetivas comunicações e diálogos entre essas teorias. Esse horizonte de diálogo e articulação entre perspectivas semântico-teóricas diferentes (seja dentro da psicanálise, seja em relação a perspectivas não psicanalíticas) precisa de um *método* que possibilite uma comunicação, dado que as diferentes perspectivas têm uma semântica própria, referidas ao modo como apreendem os fenômenos que procuram explicar. Diversas têm sido as propostas epistemológicas e metodológicas para estabelecer uma comunicação-comunhão entre as diversas perspectiva do conhecimento, seja em termos epistemológicos mais gerais, seja no que se refere às diversas maneiras de estudar e compreender o desenvolvimento, entre elas: aquelas que consideram que todas as perspectivas poderiam se articular na direção de uma síntese *ecclética* dos conhecimentos obtidos advindos de perspectivas diferentes;⁴ as que consideram que a comunhão possível se daria a partir dos fenômenos ou problemas observados, especialmente os clínicos;⁵ outras, ainda, no campo da psicanálise, consideram que há axiomas em cada perspectiva, e que seria a partir da compreensão destes que a comunhão poderia ser feita;⁶ e, na minha perspectiva, a proposta de que as diversas perspectivas teórico-semânticas são como línguas, e, como ocorre nas línguas, não é possível uma síntese, uma linguagem única, há incomensurabilidades impossíveis de serem ultrapassadas; no entanto, cada perspectiva pode tornar visível ou explicitar determinados fatos, fenômenos ou dinâmicas, que poderão ser apreendidos por outras perspectivas e, com esse tipo de revelação ou atenção,

4 Por exemplo, Parke 2004, expressando esta posição epistemológica presente em muitos manuais dedicados a apresentar as teorias do desenvolvimento: “Os cientistas do desenvolvimento da atualidade tentam evitar o tipo de adesão rígida a uma única perspectiva teórica que era característica de teóricos como Freud, Piaget e Skinner. Em vez disso, eles enfatizam o ecletismo, o uso de múltiplas perspectivas teóricas para explicar e estudar o desenvolvimento humano” (Parke 2004 *apud* Boyd & Bee 2011, p. 71).

5 Cf. Bernardi 2017; Bohleber *et al.* 2013.

6 Cf. Riolo 2022.

levar à incorporação de novos dados (num outro sistema teórico semântico), ainda que essa incorporação precise, necessariamente, passar por um processo de redescrição usando a linguagem do sistema que está incorporando dados advindos de outro sistema.⁷

John Bowlby tornou mundialmente conhecida *a importância da relação inicial mãe-bebê e os perigos das separações precoces*, dado que ele mostrou que essas separações precoces (nomeadas deprivações) podem produzir indivíduos delinquentes, ainda que não tenha sido o primeiro nem o único a abordar esses temas e a fornecer explicações teórico-descritivas sobre os modos e impulsos que levam o ser humano a relacionar-se com o outro, seja na saúde, seja de forma patológica. A sua teoria do apego, reiterada e comprovada por observações empíricas objetivamente controladas e padronizadas, inclusive com um tratamento estatístico dos dados, foi amplamente divulgada e mais facilmente aceita por uma comunidade científica que tem nesse modo de tratamento da observação e dos dados empíricos um dos seus fundamentos epistemológicos e metodológicos como princípio da cientificidade do conhecimento.

Nos manuais de teorias do desenvolvimento,⁸ Bowlby é colocado como um representante do tipo de teoria etológica, ainda que ele tenha formulado sua compreensão do desenvolvimento a partir de sua formação como psicanalista. Isso se deve ao fato de que Bowlby introduziu, como fundamento existencial da espécie humana, um impulso biológico para o apego, compreendido como expressão de uma perspectiva darwinista e etológica, acabando por deixar em

7 Cf. Fulgencio 2020; 2021.

8 Por exemplo: Boyd & Bee 2011; Lerner 1976/2002; Miller 1989/2011; Papalia & Feldman 2012/2015; Salkind 2004; Thomas 2005.

segundo plano, ou mesmo de lado, alguns princípios fundamentais da psicanálise (como a teoria das pulsões [instintos], o princípio do prazer, o inconsciente, as fantasias etc.).

Neste capítulo pretendo apresentar a teoria do apego de John Bowlby como uma teoria do desenvolvimento socioemocional, no quadro analítico crítico de uma matriz composta pelos seguintes elementos, expressos em termos de perguntas ou problemas a serem explicitados e explicados:

1. qual problema empírico inicial serviu de base e fenômeno a ser explicado por Bowlby;
2. como, do problema empírico inicial, Bowlby passou para uma perspectiva mais universal, derivada do problema singular inicial, que se ampliou na compreensão de problemas expressos, então, numa teoria do apego;
3. quais os seus fundamentos
 - a. em termos do modelo ontológico utilizado por ele;
 - b. e em termos das variáveis e/ou parâmetros que são utilizados para a descrição, compreensão e explicação dos fenômenos nessa perspectiva (no que implica, na explicitação das variáveis teóricas operativas dessa perspectiva).
4. qual é o método usado nessa perspectiva para observação, pesquisa, descrição e agrupamento e sistematização dos fenômenos do desenvolvimento;
5. como são descritas as fases do desenvolvimento, suas dinâmicas, suas tarefas, suas conquistas, inclusive datadas em termos cronológicos;
6. e, por fim, qual a utilidade ou aplicabilidade desse tipo de teoria.

Com isso, poderei não só mostrar as características principais desse modo de compreender o desenvolvimento emocional, como também apontar para os diversos usos e desenvolvimentos que a teoria do apego tem tido na atualidade, tanto dentro como fora da psicanálise.

Outro ponto importante de minha proposta corresponde a um cuidado na diferenciação da natureza e do referente dos conceitos utilizados nas teorias, diferenciando aqueles que têm referente empírico na realidade objetiva e aqueles que são construções auxiliares especulativas de valor apenas heurísticos.⁹ Essa preocupação aparece tanto no esforço em apresentar os modelos ontológicos de cada teoria do desenvolvimento quanto na decisão de procurar sempre fornecer a explicitação do referente empírico dos conceitos e/ou dinâmicas apresentadas por determinada teoria.

A análise que apresentarei agora, perseguindo e preenchendo essa matriz analítico-crítica, tem como objetivo a compreensão da teoria do apego como uma teoria do desenvolvimento, privilegia a compreensão conceitual e não a paulatina construção e amadurecimento do pensamento de Bowlby, opção que pode, por vezes, sobrepor a apresentação conceitual à apresentação e o respeito pela cronologia de construção do seu pensamento.¹⁰

9 Cf. em Fulgencio 2003; 2008 uma análise da diferença entre esses dois tipos de construtos teóricos, também apresentados na psicanálise como a diferença entre conceitos que têm referente objetivo nos fatos clínicos (como sexualidade, complexo de Édipo, transferência, resistência, entre outros) e conceitos metapsicológicos (como pulsões, libido, *quantum* de afeto, aparelho psíquico, instâncias psíquicas), que não têm referente empírico adequado na realidade fenomenológica, mas são úteis para apreensão, organização, sistematização e explicação das relações de determinação entre os fenômenos.

10 Para um estudo histórico-crítico mais detalhado, poderíamos consultar uma longa lista de textos que abordam a obra de Bowlby de diversas maneiras (Cassidy & Shaver 2008; Dijken 1998; Dugravier, Faure-Fillastre & Barbey-Mintz 2015; Esquerro 2017; Guédény & Guédény 2016; Holmes 1993/2014; Horst 2011; Marrone 2014; Mooney 2010; Palombo, Bendiczen & Koch 2010a; 2010b; Squires 2000; Wallin 2007a; Widlöcher *et al.* 2000). Meu intuito é, no entanto, fazer uma apresentação dessa teoria destacando alguns pontos importantes que possam servir para um trabalho futuro analítico-crítico-comparativo entre essa teoria e as diversas outras teorias do desenvolvimento emocional. Entre esses textos citados, dois têm um lugar de referência central para esta minha apresentação: Palombo, Bendiczen & Koch (2010a) e Dijken (1998).

O problema empírico de base para a compreensão do pensamento de John Bowlby

É possível reconhecer, na história da psiquiatria, como comentou Ellenberger (1970), que cada grande perspectiva, ou fase, do seu desenvolvimento elegeu uma doença ou fenômeno como referência ou modelo para compreender as patologias e estabelecer seu quadro nosográfico e seus prognósticos, como a *possessão* (antes que as práticas propriamente científicas se estabelecessem), o *magnetismo animal*, o *sonambulismo ambulante*, as *personalidades múltiplas*, a *histeria* (em meados do século XIX). Também, na psicanálise, podemos pensar com o mesmo critério, identificando o fato empírico (clínico) sobre o qual cada um dos grandes teóricos da psicanálise construiu seu sistema de pensamento. Adam Phillips, nesse sentido, afirmou: “Cada teórico da psicanálise, poder-se-ia dizer, organiza sua teoria em volta do que poderia ser chamado de uma catástrofe essencial, para Freud era a castração; para Klein, o triunfo da pulsão de morte; e para Winnicott era a aniquilação do *self* central pela intrusão, como falha no ambiente de sustentação”.¹¹

Bowlby, por sua vez, não é diferente: tomou como ponto de partida empírico e tema com o qual esteve preocupado durante toda a sua vida a questão da separação precoce entre a criança e sua mãe (ou cuidador), tomando esse fenômeno e suas consequências como fundamento para a compreensão do como e do por quê ocorre o desenvolvimento socioemocional do ser humano. Duas experiências profissionais reconhecidamente comentadas como sendo significativas para a constituição e o desenvolvimento das preocupações de Bowlby foram dois estágios realizados logo após o término de sua formação básica em medicina (de 1925 a 1928) no Trinity College (Cambridge), quando tinha apenas 21 anos, em duas escolas

11 Phillips 1988/2007, p. 209.

progressistas: Junior School of Bedales (escola de apoio educacional para crianças de 6 a 12 anos, no segundo semestre de 1928) e Priory Gate School (escola para crianças desajustadas de 13 a 18 anos, no primeiro semestre de 1929). Anos mais tarde, Bowlby reconheceu a importância do período em que esteve no Priory Gate School: “Quando estive lá, aprendi tudo o que eu precisava saber: foram, realmente, os mais valiosos meses da minha vida”.¹²

Dijken, no seu livro *John Bowlby: His Early Life: A Biographical Journey into the Roots of Attachment Theory* (1998), comenta o que Bowlby encontrou no Priory Gate:

Nessa escola, que era uma escola freudianamente orientada para crianças desajustadas, Bowlby ficou especialmente impressionado com o caso de um garoto isolado e remoto que estava propenso a roubar. Bowlby lembrou: “[a história do menino] era de que ele era ilegítimo – ele não havia sido educado por sua mãe – ele fora educado por uma enfermeira treinada, e depois ela partira e ele teve perturbados seus primeiros anos. A noção [na Priory Gate] era que sua condição atual era o resultado dessa experiência” (Bowlby 1977, p. 3). Naquela época, Bowlby foi alertado pela primeira vez para a visão de que “os problemas de hoje devem ser entendidos em termos de desenvolvimento . . . em termos das experiências familiares da criança, ou da falta delas” (Bowlby 1977, p. 3). Na Priory Gate, Bowlby se interessou pelos problemas das crianças desajustadas.¹³

A associação fundamental entre as separações precoces e seus efeitos patológicos futuros, principalmente no que se refere aos

12 Bowlby 1977, p. 2.

13 Dijken 1998, p. 155.

comportamentos antissociais e à falta de afetividade dos delinquentes, teve início, no pensamento de Bowlby, nesse período.

Também na sua própria história, quando tinha apenas 4 anos, Bowlby foi vítima de uma separação precoce de grande impacto emocional, mesmo que isso não tenha feito dele um delinquente. Bowlby fez parte de uma família de classe média alta (terceiro filho num total de seis), na qual as crianças geralmente eram cuidadas por uma governanta e por enfermeiras (na casa dos Bowlby, Nana era a governanta geral, e Minnie cuidou de Bowlby do nascimento até o seu quarto ano de idade). Ele perdeu sua cuidadora, repentinamente, aos 4 anos:


A babá Minnie tomou conta de John diariamente. Ele a amava muito, e esse amor parece ter sido mútuo. Anos mais tarde, Evelyn visitou Minnie em um lar de idosos, e Minnie disse-lhe que ela sempre tivera John como seu preferido. Minnie deixou a casa de Bowlby quando ele não tinha mais do que 4 anos de idade. Não há dados muito confiáveis sobre o efeito de partida de Minnie sobre John. Ele próprio nunca falou disso diretamente. Sua viúva Ursula disse que ele a enterrou junto com seu sofrimento. Isso pode ser verdade. Em uma entrevista, John erradamente afirmou que não tinha experimentado qualquer separação em sua infância, exceto para ir ao internato. Nos escritos tardios de John, no entanto, ele parece referir-se ao abandono de Minnie. Em 1958, ele escreveu o seguinte: “para uma criança, ser totalmente vista e cuidada amorosamente por uma babá e ter sido por ela abandonada quando tinha 2 ou 3 anos, ou talvez 5 anos, pode ser quase tão trágico quanto a perda de uma mãe” (Bowlby 1958a, p. 7). Depois da partida de Minnie, John foi cuidado por Nanna. Apesar de seu sobrenome amigo [Friend],

parece que ela não foi muito amigável [friendly]. Tony a caracterizou como uma pessoa que fazia piadas muito sarcásticas às custas de todo mundo, incluindo as crianças pequenas. Para John deve ter sido uma mudança considerável, a passagem da amorosa Minnie para a sarcástica Nanna. Anos mais tarde, ele descreveu os resultados de um cuidador que usa de sarcasmo: “Sarcasmo sempre inflige uma ferida profunda, e nada mais profundo ou mais duradoura do que quando se trata de um pai para um filho” (Bowlby 1990a, p. 41). Tendo em conta todas as informações, pode-se especular que a perda de Minnie o feriu de uma maneira ou de outra.¹⁴

Os fatos, traumas e conflitos pessoais não podem ser tomados como os únicos elementos estruturais que constituem, estruturam e delimitam o pensamento de um autor – seja Freud, Jung, Lacan, Winnicott, Bowlby ou qualquer outro –, mas podem contribuir para entender o apreço que determinado pensador tem por determinado tema, sobre o qual dedicou seu pensamento com *conhecimento de causa*, por assim dizer.

Se acompanhamos os passos da formação de Bowlby e o desenvolvimento de seu pensamento, encontramos alguns fatos e experiências importantes que podem explicitar, como ele acabou por formular, uma teoria geral sobre os relacionamentos interpessoais (procurando associar o fato e as consequências das experiências de separação precoce do bebê de sua mãe ou cuidadora), opondo-se a alguns fundamentos do pensamento psicanalítico de sua época (em especial, a primariedade do princípio do prazer e da teoria das pulsões) e articulando seu pensamento a outras teorias e perspectivas científicas de sua época (em especial o neodarwinismo).

14 Dijken 1998, p. 26.



Este livro tem como objetivo apresentar e analisar de forma crítico-comparativa as diversas teorias psicanalíticas do desenvolvimento emocional. Trata-se de apresentar cada uma dessas teorias em termos da sua estrutura e de seus objetivos, segundo uma matriz de análise na qual são colocados em foco os fenômenos, os modelos ontológicos, os métodos para construção da teoria e a sua aplicabilidade na resolução de problemas.

No Volume 2, dedico-me a analisar a atualidade das teorias psicanalíticas do desenvolvimento, ocupando-me das perspectivas elaboradas por John Bowlby (com sua teoria do apego), Donald Winnicott (com sua teoria do desenvolvimento do ser), Daniel Stern (com sua teoria do desenvolvimento do *self*) e um capítulo final dedicado às contribuições da Psicanálise Perinatal para as teorias do desenvolvimento, com um apêndice que analisa as críticas e os usos da teoria do apego pelos psicanalistas.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2246-0



9 788521 122460



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Teorias psicanalíticas do desenvolvimento - Vol. 2 Estudo histórico-crítico-comparativo

Leopoldo Fulgencio

ISBN: 9788521222460

Páginas: 374

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
